

## PERCEPÇÃO DO ESPAÇO E DO MEIO AMBIENTE POR UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA: ESTUDOS PRELIMINARES DE CASO DA COMUNIDADE BEIRA RIO, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP.

*Ed Carlos dos Santos<sup>1</sup>, Adriane Moreira de Souza<sup>n</sup>*

<sup>1</sup>UNIVAP, curso de Geografia, São José dos Campos, edsjgeo@yahoo.com.br  
<sup>n</sup>Univap/USP

**Resumo-** O presente trabalho tem como objetivo examinar o modo como se apresenta a percepção ambiental dos moradores da comunidade Beira-Rio. A análise deverá ser desenvolvida por meio de evidências empíricas e leituras de artigos e livros como reportagem em jornais, entrevista com moradores e principalmente pela percepção pessoal através do trabalho de campo. Identificar como é a percepção ambiental e se existe algum conhecimento em relação à educação ambiental dos moradores da comunidade Beira Rio. A área de interesse é a região Oeste de São José dos Campos da qual elegemos para análise a comunidade Beira Rio, por sua característica ribeirinha.

**Palavras-chave:** Beira Rio, Percepção Ambiental  
**Área do Conhecimento:** VII – Ciências Humanas

### Introdução

Há algum tempo os assuntos sobre meio ambiente tem sido motivo de discussão em várias instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas. A preocupação com o meio onde se vive e como preservar virou assunto nas escolas, empresas e até mesmo nas conversas de rua com amigos. Porém poucas pessoas têm noção ou algum conhecimento sobre preservação ou degradação. Nos dias de hoje, algumas pessoas ajudam na preservação das mais variadas formas, e uma delas é recolhendo os lixos inorgânicos e reciclando-os. Mas, ainda existem as pessoas que são ecologicamente pouco politizadas, que não se preocupam e tão pouco faz qualquer tipo de esforço para mudar seus hábitos e contribuir para que o meio onde vivam possa ser mais bem cuidado.

É preciso que o ser humano se sinta como mais um dos elementos integrantes do meio ambiente, só assim os problemas ambientais poderão ser amenizados. Contudo, é um pouco complexo afirmar ou identificar quem degrada ou não o meio ambiente, já que, por exemplo, podemos encontrar indústrias automobilísticas que constroem carros aos milhares contribuindo assim para o aumento do monóxido de carbono liberado na atmosfera, ou o próprio Estado que faz uso do poder para transformar determinada área do litoral em Parque Florestal, APA ou APP (Área de Preservação Ambiental - Área de Preservação Permanente), e mais tarde privilegiar grandes empresários ou até mesmo os próprios políticos

por meio de acordos com o direito de construir condomínios luxuosos nesses locais, devastando a mata nativa, causando um grande impacto sócio-ambiental, pelo simples fato de aumentar as arrecadações de impostos ou visando o lucro acima de tudo. Encontramos degradação de todas as formas e em vários locais, como no caso dos moradores das margens dos rios ou beira de encostas, que constroem suas casas nesses locais pelo fato da necessidade de possuir um local para morar, sem se preocupar se está havendo algum tipo de impacto no local em função das mesmas. E ainda não podemos esquecer das indústrias de celulose que também poluem, e das monoculturas de eucaliptos e pinus que acabam com o solo. De certa maneira não podemos generalizar, já que nem todos agem da mesma forma. Existe a degradação em função do progresso que pode ser considerada uma degradação mais leve, porque é feito um Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA) no local a ser construído determinado tipo de obra para que o impacto seja o mínimo possível, mas que não deixa de ser degradação.

Haja vista que impactos existem de todas as formas e jeitos, e são causados por várias pessoas, e às vezes são causados sem o próprio entendimento da pessoa que está causando algum tipo de impacto, sendo que em alguns momentos por falta de conhecimento e em outros porque na sua percepção o que ela faz não é degradação. Mas se cada pessoa tem uma forma de percepção, como diagnosticar onde está

havendo uma degradação ou preservação do meio ambiente, já que são olhares diferentes dos acontecimentos. Segundo Tuan (1980), “Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente.” Às margens dos rios é possível perceber se há a degradação e se existe algum tipo de preservação em função do antropismo, através da existência de matas ciliares e o estado em que se encontram, e dos pontos de assoreamento do rio. Mas como analisar se determinado ponto do rio, as margens, estão ou são preservadas?

Através da percepção de moradores ribeirinhos é possível tentar responder esta questão, já que são eles que estão em contato direto com o rio, usando-o como via de acesso a outras áreas próximas de sua comunidade e retirando do mesmo uma forma de sustento através da pesca para alimentação e comercialização. Para fazer esse tipo de análise é necessário conhecer a percepção ambiental dos ribeirinhos e o tipo de relação que eles têm com o local, descobrindo o que o local significa pra eles. Havendo a necessidade de conhecer a percepção de moradores ribeirinhos a respeito do seu entendimento do meio ambiente e seus enfrentamentos, iniciou-se um estudo na comunidade Beira Rio (figura 1), que está localizado no bairro Urbanova, na região oeste de São José dos Campos, São Paulo.



**Figura 4 – Comunidade Beira Rio-SJC-SP**

### Objetivos

Conhecer o dia a dia do morador ribeirinho e entender a relação que o próprio tem com o local onde vive. Entender a sua percepção ambiental, e se os mesmos têm condutas de preservação ou degradação com relação à área ocupada.

### Metodologia

O trabalho se baseou em pesquisas bibliográficas e no resultado do trabalho de campo (entrevistas e conversas com os habitantes da comunidade). Uso de questionários para facilitar a comunicação com os moradores e conhecer um pouco do seu dia-a-dia, já que grande parte desses ribeirinhos não é de fácil acesso.

### Comunidade Beira Rio

O senhor Alziro Ramos (75 anos, pescador aposentado) e sua esposa dona Antonia Ramos (58 anos, do lar), são de certa forma os criadores da comunidade Beira Rio. Alziro Ramos é pai de 22 filhos, sendo que 8 filhos são do primeiro casamento do mesmo, que ficou viúvo e casou-se com dona Antonia, a qual veio a ter mais 14 filhos com o mesmo. O filho mais novo tem 19 anos e o mais velho se estivesse vivo hoje teria 54 anos. O casal vive nesta área há mais de 30 anos. O local é uma antiga chácara que pertencia a um primo do senhor Alziro chamado Manuel de Lima, que vivia com duas irmãs, que com o passar do tempo foram morar no centro da cidade. Este primo que ali habitava, obteve de Elizário Augusto J. Pentead, o real proprietário destas terras, a permissão para construir uma casa em sua propriedade, já que o mesmo era pescador, e assim, facilitaria a sua vida com a pesca. O primo cedeu um espaço para Alziro Ramos construir uma casa de pau-a-pique e residir no local com sua esposa, pois o Sr. Manuel já não estava bem de saúde e necessitava de alguém que cuidasse dele, já que não vivia mais com as irmãs. Com o falecimento do primo, Alziro se tornou proprietário do local e começou a ampliar as residências com a vinda de alguns irmãos e filhos. A maior parte das pessoas que residem nesta comunidade são parentes diretos. Os moradores deste local ficaram mais de 20 anos sem nenhuma infraestrutura, como por exemplo, água e energia elétrica, que só foi conseguida através da influência de Batista Gargione, reitor da Univap (Universidade do Vale do Paraíba) e Álvaro Siqueira Vantine (coordenador do grupo da igreja Sagrada Família na Vila Ema, que na época era responsável pelo atendimento aos moradores da comunidade). A energia elétrica (figura 2), água e fossa séptica, só chegaram ao local a partir do ano de 2002. A instituição Univap, além de prestar outras contribuições para a comunidade, também mantém um projeto social no local, intitulado de Projeto Beira Rio. Praticamente a população local não tem uma fonte de renda fixa, pois, vivem de empregos temporários, como por exemplo, no ramo da construção civil, nos edifícios e casas em construção e com empregos domésticos nos condomínios do bairro Urbanova e arredores.

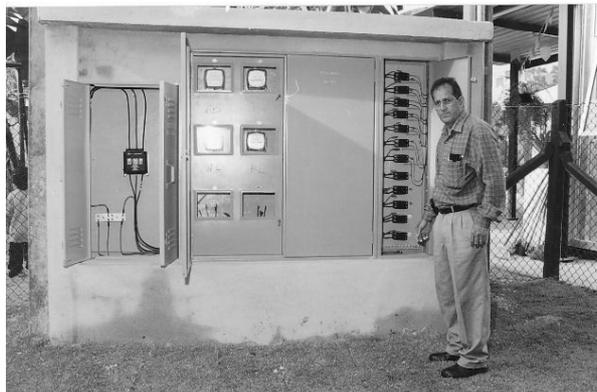


Figura 2 - Quadro de energia

Alguns moradores ainda fazem uso da pesca no Rio Paraíba do Sul, vendendo o que pescam para ajudar na renda, e muitas vezes até usando a pesca como meio de alimentação. No tocante a algum tipo de auxílio, determinados moradores recebem cesta básica da prefeitura e da igreja Sagrada Família, mas somente as famílias de maior carência financeira. Há mais ou menos dois anos, a paróquia Santo Agostinho é quem atende aos moradores. Moradores desta área que residem há mais tempo, dizem que o local, no que diz respeito a meio ambiente, está praticamente da mesma forma de quando chegaram. Afirmam que nunca cortaram sequer uma árvore que fosse, e muito menos poluíram o rio, já que muitos deles ainda pescam no mesmo. Comentam ainda que na época de existência das cavas de areia, o rio era até mais preservado do que hoje, pois as dragas acabavam limpando a margem do rio, arrastando o mato (capituva) que lá crescia e impedia até mesmo a travessia do rio a barco. Na percepção dos mesmos a draga de areia contribuía para a manutenção do rio e o mantinha mais fundo. Existe uma mata próxima à comunidade, que alguns moradores usam-na para fazer caminhada (figura 3).

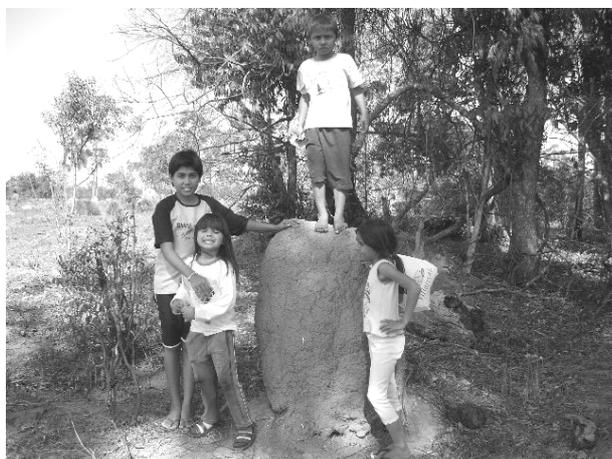


Figura 3 - Crianças caminhando na mata

Apesar da dificuldade de acesso a esses ribeirinhos, é possível notar que pelo menos as crianças recebem algum tipo de educação ambiental através da professora que trabalha durante a semana no Projeto Social Beira Rio. Pode-se encontrar também no local uma horta comunitária feita pelos próprios moradores, na qual é retirado um complemento para sua alimentação (figura 4).



Figura 4 - Horta comunitária

### Conclusão

Com esse trabalho pôde-se observar um pouco da percepção ambiental dos moradores da comunidade Beira Rio. A realização de visitas ao local e do diálogo com representantes da comunidade permitiram verificar a forte identidade que os moradores possuem com o local. Contudo, fica evidente que alguns moradores, no caso, os mais velhos e que moram a mais tempo no local, não possuem o mesmo conhecimento a respeito de educação ambiental que as crianças tem recebido atualmente. Sendo assim, fica perceptível que, torna-se muito mais fácil educar uma criança a entender e fazer uso da educação ambiental, do que, reeducar um adulto, e fazer com que o mesmo possa se adequar à realidade dos dias de hoje no tocante à meio ambiente, já que ao longo de sua vida, esses moradores ribeirinhos criaram sua própria visão a respeito desse assunto. No entanto, as informações obtidas ainda não permitem uma análise específica à percepção, que deverá ser realizada no desenvolver da pesquisa.

### Referências

-TUAN, Y. Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.